

A CONSTRUÇÃO DA ESCRITA PELA CRIANÇA EM PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Ana Luzia de Almeida

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB

Claudionor Alves da Silva

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB

Thais Mascarenhas de Jesus

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB

Resumo: O objetivo deste trabalho é apresentar uma reflexão acerca da construção da linguagem escrita pela criança, a partir de experimentos realizados com criança em processo de alfabetização, tendo como modelo os testes realizados por Ferreiro e Teberosky (1999) e Luria (2010) sobre como a criança constrói e ou desenvolve a linguagem escrita. Partimos da abordagem histórico-cultural, que defende a ideia de que a construção da escrita demanda um esforço cognitivo por parte da criança. Isso sugere dizer que o professor alfabetizador deva ter domínio desse processo de construção para que possa mediar o aprendizado da escrita pela criança na fase inicial de escolarização. O experimento aqui consistiu em analisar o nível de construção da escrita de uma criança em processo de alfabetização. Para tal, lhe foi solicitada algumas atividades de produção escrita. Os testes foram realizados com uma criança de 6 anos e 5 meses, que teve seu início na educação infantil aos três anos de idade e atualmente estuda o 1º ano do ensino fundamental em uma instituição de ensino pública. Os estudos realizados demonstram que o aprendizado e desenvolvimento da escrita se faz necessário e que cada um tem seu tempo e seu contexto cultural e social que contribui para essa aprendizagem.

Palavras-chave: Alfabetização; Escrita; Leitura.

Introdução

O aprendizado da leitura pode ser considerado como um processo de reconstrução, caracterizado por uma série de reflexões ou hipóteses, que a criança elabora frente ao objeto de conhecimento. A resolução de tais hipóteses lhe permite avançar no processo de aquisição da língua escrita. Os estudos de Ferreiro e Teberosky (1999), Luria (2010) e Vigotsky (2010) se ocupam do desenvolvimento da escrita pela criança pré-escolar. Em comum, acerca desses estudos, diz-se que a criança constrói a língua escrita muito antes do início do processo de escolarização.

Tanto Vigotski (2010) quanto Luria (2010), defendem que os gestos da criança estão intrinsecamente ligados à origem dos signos escritos. Para Ferreiro e Teberosky (1999), o desenvolvimento da leitura e escrita se dá por alguns preceitos levantados em um processo gradativo. As primeiras atividades desenvolvidas com as crianças nos primórdios de suas aprendizagens devem ser consideradas como obras grandiosas, pois naquele momento, a criança se coloca à disposição para romper com os obstáculos presentes nas suas descobertas.

É por meio da linguagem, vista como sistema de signos mais elaborado presente na história da humanidade, que é possível organizar o pensamento e entender as informações. Para Vigotski (2010), o desenvolvimento do pensamento é determinado pela linguagem. Nessa mesma perspectiva, Luria (2010, p. 22) afirma que “... a linguagem transformou-se em instrumento decisivo do conhecimento humano, graças ao qual o homem pode superar os limites da experiência sensorial, individualizar as características dos fenômenos, formular generalizações e categorias”. Tanto um quanto o outro dão grande importância ao uso dos instrumentos linguísticos para o pensamento.

Neste trabalho, partindo de uma perspectiva histórico-cultural, apresentamos neste trabalho, uma reflexão acerca da construção da linguagem escrita pela criança, a partir de experimentos realizados, tendo como modelo aqueles realizados por Ferreiro e Teberosky (1999) e Luria (2010). Vale salientar que este trabalho se insere no contexto de uma pesquisa em andamento, intitulada “Alfabetização, leitura e escrita”, desenvolvida como requisito de conclusão de curso.

O objetivo deste trabalho é discutir de forma sucinta acerca do desenvolvimento da escrita pelo processo de alfabetização, apresentando os relatos de experimentos realizados com crianças em processo de alfabetização e escolarização. A construção da escrita demanda um esforço cognitivo por parte da criança. Isso sugere dizer que o professor alfabetizador deva ter domínio desse processo de construção para que possa mediar o aprendizado da escrita pela criança na fase inicial de escolarização.

O experimento aqui consistiu em analisar o nível de construção da escrita de uma criança em processo de alfabetização. Para tal, lhe foi solicitada algumas atividades de produção escrita. Trata-se de L. A. M., que tem 6 anos e 5 meses e iniciou a educação infantil aos três anos de idade. Atualmente está estudando 1º ano do ensino fundamental em uma instituição de ensino pública. L se interessa muito por leituras, sabe falar palavras em inglês, conhece o alfabeto e os algarismos.

Filho de pais separados e passa maior parte do tempo com os avós porque sua mãe trabalha no comércio.

Pressupostos teóricos

Segundo Luria (2010), a história da escrita na criança começa muito antes da primeira vez em que o professor coloca um lápis em sua mão e lhe mostra como formar letras. A criança quando entra na escola, já desenvolveu por si mesma, uma quantia de técnicas primitivas, antes mesmo de atingir a idade escolar. Sendo assim, a partir do momento que a criança começa a entender o que as pessoas ao seu redor estão lhe ensinando, ela começa a repetir, e vai aprendendo, e seus conhecimentos serão cada vez mais avançados.

Para Vygotsky (2003) os pontos importantes do desenvolvimento da escrita, começam com o aparecimento do gesto como signo visual para criança. Os gestos têm o significado de uma escrita no ar. É uma maneira de a criança simbolizar atos, ações, sentimentos e objetos dentro do imaginário. O gesto também está ligado aos rabiscos das crianças. Elas usam a dramatização, demonstrando por gestos o que elas deveriam mostrar nos desenhos; os traços constituem somente um suplemento a essa representação gestual.

Por sua vez, Ferreiro e Teberosky (1999) a escrita se caracteriza como um objeto, como um modo particular de existência no contexto sociocultural. Nessa perspectiva, a aprendizagem da língua escrita deve ser concebida como o modo de construção de um sistema de representação, ou seja, a aprendizagem seria entendida como a aquisição de uma técnica e prática alfabetizadora como um método. Segundo Collelo (2012), a análise das produções de Ferreiro e Teberosky (1999) permitiu comprovação de que elas, as crianças, eram capazes para lidar com a escrita enquanto objeto cultural, e de se colocarem efetivos problemas sobre os modos de inscrição e representação, e criar hipóteses legítimas sobre o seu funcionamento e construir sistemas interpretativos sobre a língua escrita.

Os trabalhos de Ferreiro e Teberosky (1999), acerca da psicogênese da língua escrita, apresentam grandes contribuições para o processo de alfabetização e ou para o professor alfabetizador que passa a lidar com a escrita inicial da criança em processo de alfabetização, escrita

essa muito distante da escrita convencional, desejada pela escola. Esses estudos revelam, assim, que a criança passa pelas mais diversas fases de construção da linguagem escrita, divididas em quatro níveis, conforme essas autoras.

No primeiro nível, na fase pré-silábica, criança não tem relação com a emissão da fala, ou seja, a criança explora tanto critérios qualitativos (varia o repertório das letras ou a posição das mesmas, sem alterar a quantidade) ou critérios quantitativos (varia a quantidade de letras de uma escrita para outra, sem preocupação com as propriedades sonoras). Isso quer dizer que a criança não tem ainda conhecimento da relação entre fonemas e grafemas, pois a escrita é representada por rabiscos, garatujas, de forma aleatória.

No segundo nível, escrita silábica, a criança já descobre a relação entre fonema-grafema. É a descoberta de que a quantidade de letras com que vai escrever uma palavra pode ter correspondência com a quantidade de partes que se reconhece na emissão oral. Nesse nível, para a criança, cada letra passa a ter o valor de uma sílaba, o que representa um significativo avanço cognitivo. Dessa forma, as palavras com três sílabas são normalmente escritas com três letras.

No nível silábico-alfabético, a criança percebe a ineficácia do sistema silábico, mas não tem o domínio do alfabético. Esse nível é marcado pelo momento da transição, no qual a criança ao tentar acrescentar letras, acaba usando os dois critérios, numa mesma palavra, de modo que se aproxima tanto do silábico quanto do alfabético. Como consequência, a escrita se aparenta caótica e algumas vezes não inteligível. Nesse momento, torna-se necessário respeitar o valor sonoro, e a criança começa a acrescentar letras, principalmente na primeira sílaba.

O nível alfabético é o último estágio de evolução da escrita. Chegar a esse nível de construção da escrita é compreender a correspondência entre os grafemas e os fonemas das palavras a serem escritas. No entanto, não significa que a criança tenha superado todas as dificuldades, por que “a partir desse momento, a criança se defrontará com as dificuldades próprias da ortografia, mas não terá problemas de escrita, no sentido estrito” (FERREIRO & TEBEROSKY, 1999, p. 219).

Na perspectiva Vigotskiana, o desenho é o primeiro estágio da representação da língua escrita. Os rabiscos e os primeiros desenhos são entendidos como gestos ou tentativas de simbolizar a linguagem falada. A maneira global como elas realizam seus rabiscos e desenhos podem estar nos indicando a maneira como entendem a representação da língua escrita. O segundo ponto que ele

destaca é o dos jogos das crianças. O brinquedo simbólico pode ser entendido como um sistema muito complexo de “fala” através de gestos que comunicam e indicam os significados dos objetos usados para brincar. Nesse sentido, as crianças utilizam diversos objetos para as brincadeiras e a cada objeto atribui um significado no qual realizará gestos representativos.

A escrita não está separada da linguagem e é constituída por um sistema de símbolos e signos que determinam os sons e as palavras da linguagem oral. Segundo ele, existe um momento crítico na passagem dos simples rabiscos para o uso das grafias como sinais que representam ou significam algo. A criança passa atribuir um significado ao desenho, entretanto ainda o encara como um objeto em si, ou seja, não como uma representação, um símbolo.

(...) o desenvolvimento da linguagem escrita nas crianças se dá, conforme já foi descrito, pelo deslocamento do desenho de coisas para o desenho das palavras. De uma maneira ou de outra, vários dos métodos existentes de ensino de escrita realizam isso. Muitos deles empregam gestos auxiliares como um meio de unir o símbolo falado ao símbolo escrito; outros empregam desenhos que representam os objetos apropriados. Na verdade, o segredo do ensino da linguagem escrita é preparar e organizar adequadamente essa transição natural. (VYGOTSKY, 2003, p.77)

A linguagem escrita é constituída por um sistema de signos que designam os sons e as palavras da linguagem falada, os quais por sua vez, são signos das relações e entidades reais. Nessa perspectiva, a linguagem falada desaparece e a linguagem escrita converte-se num sistema de signos que simboliza diretamente as entidades reais e as relações entre elas (VIGOTSKI, 2003, p.70). O ensino da língua escrita pode partir da pré-escola, conforme propõe Vigotski (2003), pois crianças mais novas são capazes de descobrir a função simbólica da escrita. Entre 3 e 6 anos de idade as crianças têm domínio de signos arbitrários e progresso na atenção e na memória. O ensino tem que ser organizado de forma que a leitura e a escrita se tornem necessárias às crianças e que tenha significado para elas. Nessa concepção, o professor tem um papel de mediador, ou seja, a escrita deve ser ensinada naturalmente e não de forma mecânica.

O desenvolvimento da escrita para Luria (2010) prossegue ao longo de um caminho que podemos descrever como a transformação de um rabisco não-diferenciado para um signo diferenciado. Linhas e rabiscos são substituídos por figuras e imagens, e estas dão lugar a signos. Para ele, a escrita é uma dessas técnicas auxiliares usadas para fins psicológicos; a escrita constitui

o uso funcional de linhas, pontos e outros signos para recordar e transmitir ideias e conceitos.

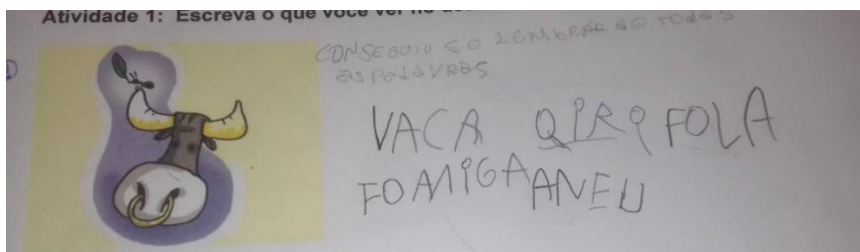
Assim, Luria (2010) identifica 5 estágios para o desenvolvimento da escrita: o estágio dos rabiscos ou fase dos atos imitativos, primitivos, pré-culturais e pré- instrumentais, no qual a criança ainda não aprendeu o sentido e a função da escrita. Ela tenta reproduzir a escrita adulta com a qual está familiarizada; o estágio da escrita não-diferenciada, fase em que a criança utiliza os rabiscos não para ler, mas para lembrar-se do que lhe foi dito; a fase de diferenciação dos signos primários pelas crianças, na qual é representada por uma mistura de símbolos, desenhos, ou letras, esta é a fase simbólica. Nessa fase, a criança começa a representar a sua escrita através de uma série de repetições de letras que já conhece; a fase do estágio da escrita por imagens é quando a criança chega à ideia de usar o desenho como meio de recordar e o fator quantidade e forma distinta levam a criança à pictografia e, por fim o estágio da escrita simbólica: Nesse estágio a relação da criança com a escrita é puramente externa.

Com essas considerações teóricas, passamos a apresentar a experiência realizada com as crianças, com o intuito de identificar o nível de estágio de construção e ou desenvolvimento da linguagem escrita.

Relato dos experimentos

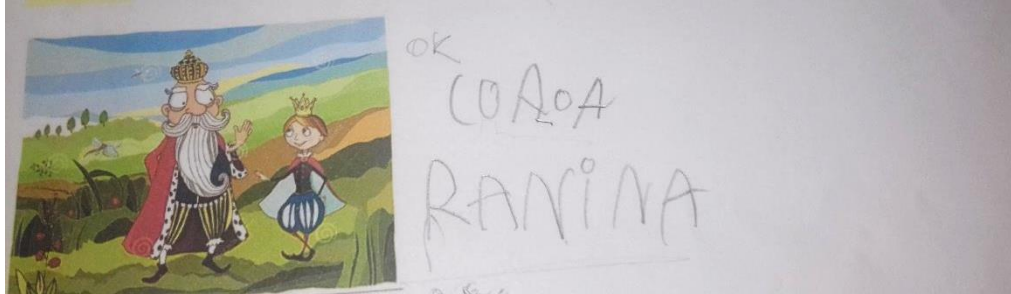
No primeiro contato que mantive com L, para realização dos experimentos, pedi que transcrevesse das imagens apresentadas o que ele percebia. No início, L teve certa dificuldade de apresentar por escrito, mas conseguia falar tudo o que ele via. Inseguro, ele se pôs a escrever e perguntava sempre se o que ele estava escrevendo era certo. Dissemos para escrever da forma como sabia, da forma que ele achasse que estava certo. As imagens 01 e 02 apresentam a escrita de L.

IMAGEM 01



PALAVRAS ESCRITAS POR L: *VACA, CHIFRE, FOLHA, FORMIGA. ANEL.*

IMAGEM 02

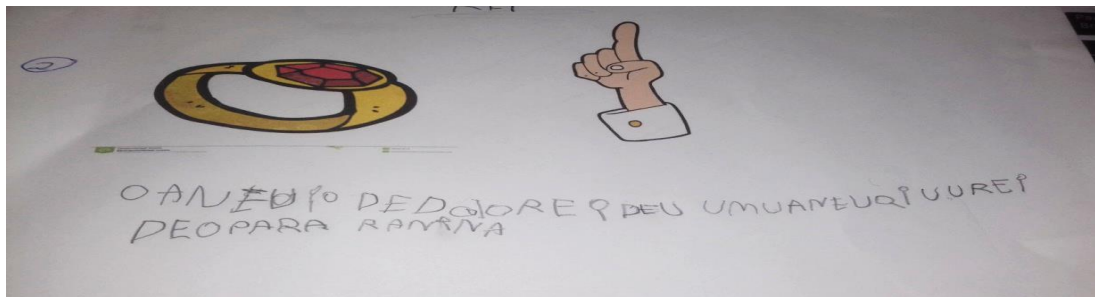


PALAVRAS ESCRITAS: *COROA, RAINHA E REI.*

Ao perguntarmos o que ele tinha escrito na sequência, respondeu-nos, apontando os nomes dos seres que aparecem nas imagens.

Na segunda atividade, colocamos uma imagem de um anel e outra de um dedo e pedimos para que L criasse uma história com base na imagem 03. Ele observou bem a imagem e sem nenhum questionamento se pôs a escrever.

IMAGEM 03



HISTORIA CRIADA POR L: *O ANEL E O DEDO E O REI DEU UM ANEL QUE O REI DEU PARA A RAINHA.*

A terceira atividade (Imagens 04 e 05) experimentada teve como finalidade ligar o nome à figura, momento em que testaríamos a concepção de tamanho, forma e som da criança. L conseguiu identificar rapidamente e ainda explicou que “pai é grande e menino é pequeno”, e quanto à ligação com as figuras do mesmo som ele se atrapalhou na figura 2 que não tinham o mesmo som, mas logo percebeu o erro e corrigiu imediatamente.

IMAGEM 04

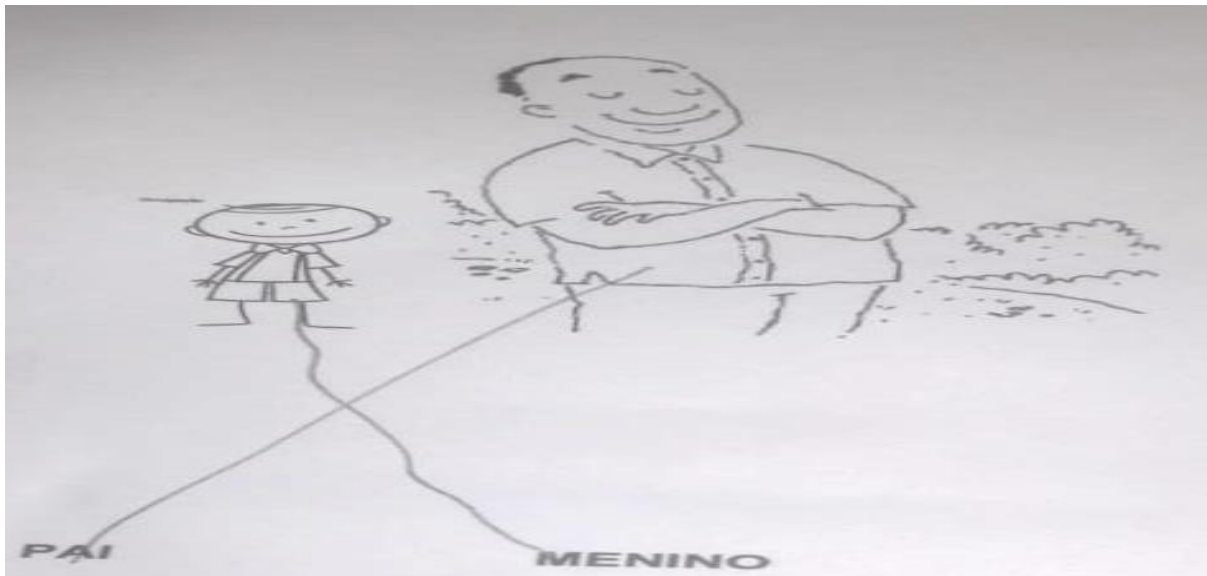
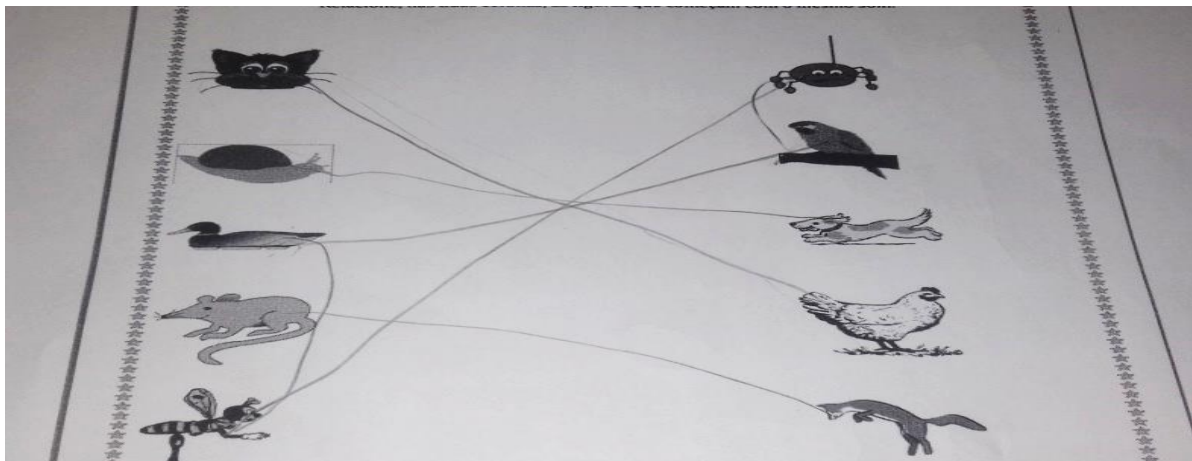
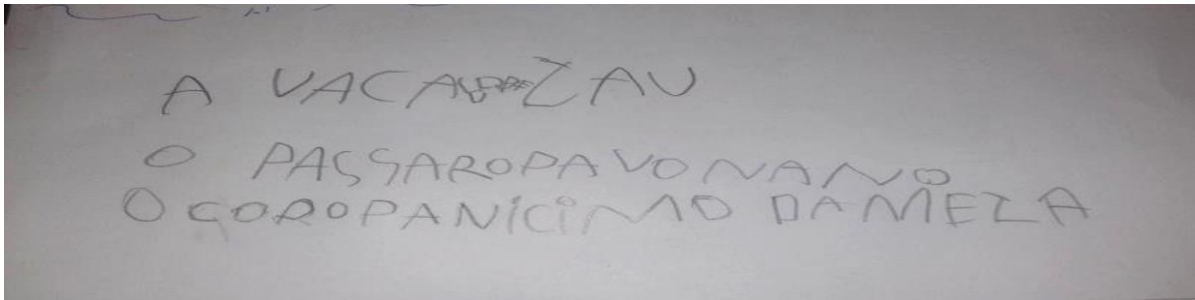


IMAGEM 05



O quarto experimento consistiu em um ditado, através do qual deveríamos identificar possíveis dificuldades na escrita de L. As frases ditadas foram: 1. A VACA LAMBEU O SAL; 2. O PASSARINHO ESTÁ VOANDO e 3. O COPO ESTÁ EM CIMA DA MESA.

IMAGEM 06



Análise e discussão dos resultados

O desenvolvimento da aquisição da linguagem escrita começa desde cedo na vida do sujeito, muito antes da idade escolar, antes do domínio das relações do sistema alfabético da língua. Segundo a perspectiva histórico-cultural, que sustenta teoricamente este trabalho, o período de vida anterior aos seis anos, é um período fértil para a aprendizagem e, conseqüentemente, da linguagem oral e escrita. Com base nas atividades realizadas com L, percebemos, com base nos trabalhos tanto de Ferreiro e Teberoski (1999), quanto os de Luria (2010), que a criança constrói ideias, pensa sobre a escrita e reflete até chegar a uma compreensão da escrita.

L. desenvolveu atividades de consciência metacognitiva ao refletir, analisar e pensar sobre a linguagem e seu uso. Segundo os estudos produzidos por Luria (2010), pode-se concluir que, a criança L. se encontra na quinta fase, tratando-se da escrita simbólica, pois a relação que L teve com a escrita foi puramente externa. L usou o conhecimento construído ao longo de sua vida escolar. Nessa fase de construção da escrita, a criança vai assimilando o mecanismo da escrita simbólica ensinada na escola por meio do ato de recordação e é esse ato que possibilitará a compreensão do sistema simbólico e signos.

Foi possível percebermos também que o aprendizado da escrita se concebe como um processo interativo de construção do conhecimento em que a leitura se dá entre a informação do texto e implica um sistema de percepção visual e uma série de processos que leva o aprendiz a desvendar uma mensagem escrita ou para produzir novas escritas.

Esses experimentos nos revelam que a aprendizagem da leitura e da escrita se concebe como um processo interativo de construção de conhecimento. A natureza tanto da execução como do processo de aquisição destas habilidades podem qualificar-se basicamente mediante quatro caracteres que a determinam. Assim, a linguagem escrita é caracterizada como um processo construtivo, ativo, estratégico e afetivo. A escrita seria, então, um sistema de representação, aprendizagem e a apropriação de um novo objeto de conhecimento.

Os experimentos realizados com a criança nos revelam ainda que o desenvolvimento da leitura e da escrita se dá em um processo gradativo. Assim, podemos perceber que as crianças criam informações sobre a leitura e a escrita, exatamente como frutos de conhecimentos construídos em sua vida cotidiana, por meio das interações com o outro. L encontra-se, segundo as características da escrita apresentada por meio dos testes realizados, no nível alfabético. Por ter compreendido as devidas correspondências entre fonemas e grafemas da língua. É nesse nível que o aprendiz compreende as letras e os caracteres da escrita, assim como as representações das sílabas, mesmo aquelas que não foram exploradas.

Considerações finais

A escola tem, entre seus objetivos, o de oferecer a todas as crianças a oportunidade de experimentar e desenvolver a linguagem oral e escrita. É fundamental dar a essas crianças, o tempo para que elas aprendam. Desde cedo, as crianças já têm oportunidade de observar e participar de atos de leitura e escrita que são praticados à sua volta, em situações cotidianas de interação social, embora com intensidades e valores diferenciados. Nessa perspectiva, a construção da escrita pela criança se desenvolve em situações de uso real dessa língua, e não por meio do ensino da escrita apenas como habilidade motora.

Aprender a escrever implica não apenas aprender a associação entre letras e sons, mas também a capacidade de usar a escrita nas diferentes práticas sociais que irão requerer o seu uso. Para Soares (2003), a alfabetização se desenvolve no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só pode se desenvolver-se no contexto da e por meio da alfabetização.

Vygotsky (2003) aborda que o exercício da escrita é puramente mecânico e logo entedia as crianças, pois “suas atividades não se expressarão em sua escrita e suas personalidades não desabrocharão” (p. 133). Então é necessário rever as condições de produção da escrita na escola, essa escrita sem vida, que permite à criança escrever apenas o que o seu conhecimento ortográfico possibilita.

Luria (2010) afirma que a criança começa a se comunicar com rabiscos e depois por desenhos, os rabiscos se classificam como a primeira fase, a criança usa os desenhos para se lembrar, e essa é maneira mais fácil dela ir mapeando a sua trajetória pelo desenvolvimento da escrita. Também a representações por símbolos é muito marcante o que indica a presença de algum significado, sendo classificado como a segunda fase, já o terceiro nível é apresentado por uma mistura de símbolos, desenhos ou letras. Ou seja, crianças de idades diferentes constroem seu conceito de escrita, suas hipóteses de maneira diferente, de modo natural, de acordo com sua idade.

A partir deste estudo, podemos dizer que o aprendizado e desenvolvimento da escrita se faz necessário e que cada um tem seu tempo e seu contexto cultural e social que contribui para essa aprendizagem. Nesse sentido, é importante destacar o papel da escola, como agência socialmente encarregada de promover o aprendizado das crianças, tendo um papel essencial na promoção do desenvolvimento psicológico dos indivíduos.

Referências

COLELLO, Sylvia M. Gasparian. (2004). *Alfabetização em questão*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra.

CUNHA, Úrsula N. de Sousa. Leitura e escrita no ensino fundamental, (res) significando o trabalho com gêneros textuais. *Práxis Educacional*, [S. l.], v. 6, n. 8, p. 123-138, 2010. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/621>.

FERREIRO, Emília e TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da Língua Escrita*. Artmed Editora. Porto Alegre. 1999.

LURIA, Alexander. O desenvolvimento da escrita na criança. In: VIGOTSKI, L. S; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. 10. ed. São Paulo: Ícone, 2010.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

VIGOTSKI, Lev. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. Trad. José Cipolla Neto et. al. 6^a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. *Aprendizagem e desenvolvimento Intelectual na Idade Escolar*. In: VIGOTSKI, L. S., LURIA, A. R. e LEONTIEV, A. N. Trad. Maria da Pena Villa Lobos. 11^a ed. – São Paulo: Ícone, 2010.